

DIVERSIDADE CULTURAL, COTIDIANO ESCOLAR E SÉTIMA ARTE: A DIFERENÇA DESAFIA A ESCOLA PELA TELA DO CINEMA

Aluno: Leopoldo Carriello Erthal
Orientador: Marcelo Andrade

Introdução

Podemos dizer que a sociedade contemporânea se encontra cada vez mais marcada pela pluralidade, fazendo-se necessário refletir sobre quais são os valores, atitudes e conhecimentos que queremos construir e ensinar para garantir a própria pluralidade que nos constitui enquanto humanos e, portanto, seres sociais.

Não é raro assistirmos a situações de preconceitos, discriminações e intolerâncias, justificando-se, desta forma, um projeto de intervenção pedagógica que vise promover os valores, as atitudes e os conhecimentos necessários a serem respeitados para se comportar com justiça numa sociedade plural, o que inclui tolerância, respeito e valorização com a diferença. Assim, tomando o Colégio Estadual André Mauoris como laboratório, este projeto de intervenção pedagógica visa promover algumas reflexões e também ações pedagógicas efetivas nesta perspectiva.

Para tanto, o projeto teve como princípio a utilização de recursos audiovisuais, sustentando que os filmes, sobretudo, são poderosos instrumentos de transmissão e de construção de conteúdos didáticos e de valores éticos. Neste sentido, além dos aspectos ético-pedagógicos, o projeto atende a uma demanda histórica de incluir a bagagem cultural fílmica na prática escolar e na vivência dos jovens estudantes do Ensino Médio, através de eventuais sessões como também de oficinas de edição.

Os dados que se tem acesso confirmam que a sociedade brasileira contemporânea convive hoje com uma íntima relação com a televisão, os celulares e computadores, o que leva muitos acadêmicos a utilizar o termo *sociedade audiovisual* quando se refere a esta característica da personalidade de nossa sociedade. Recentes pesquisas conduzidas pela Eletrobrás demonstram que 97,1 % dos lares brasileiros possuem televisão, sendo esta assistida diariamente.

Há enorme consenso entre a comunidade acadêmica de que, as recentes gerações vêm experimentando uma forma de se relacionar com os recursos que estes meios possibilitam totalmente inédita na história humana. Professores das mais variadas áreas, sobretudo da geografia e história, relatam que notam uma forte influência de filmes e programas de televisão sobre a concepção de determinados espaços e sociedades. Hora estas referências se dão de maneira relativamente coerente com aquela realidade, hora se apresentam como uma visão distorcida e, muitas vezes, preconceituosa e estereotipada sobre uma cultura, religião ou lugar.

Desta forma, justifica-se a opção por um projeto de intervenção que seja, ao mesmo tempo, formativo e construtor de novas práticas, que introduza as técnicas de audiovisual, priorizando a linguagem do cinema. Considera-se que a gramática audiovisual faz parte do

cotidiano das novas gerações e que esta linguagem é ainda pouco explorada nas práticas pedagógicas, sendo capaz de sensibilizar para as questões do preconceito, da discriminação e da intolerância com o diferente, bem como aprofundar o debate em torno delas.

Para além da capacidade mobilizadora, a filmografia contemporânea também é capaz de construir conhecimentos e aprofundar debates sobre violência e segurança; desigualdades sociais, raciais e de gênero; tolerância e aceitação das diferenças, entre outros temas caros e urgentes para uma escola pública inserida numa sociedade plural.

O indiscutível valor cultural das obras da cinematografia mundial é razão suficientemente boa para que os professores se interessem tanto pela melhor utilização de filmes em suas práticas pedagógicas quanto pela teoria do cinema.

Objetivos

O objetivo da pesquisa é refletir e construir no cotidiano escolar uma agenda mínima de valores, atitudes e conhecimentos necessários a serem partilhados numa sociedade pluralista, a partir dos processos de ensino-aprendizagem, priorizando a linguagem fílmica.

Entendendo que hoje os educandos não só estão imersos em uma sociedade que se comunica cada vez mais através de recursos audiovisuais, como também se apropriam destes para sua própria comunicação, percebe-se a importância em analisar corretamente as mensagens, valores, ideologias que estão contidas nestes veículos.

É comum alguns educadores denominarem como “educativo” apenas produtos cuja temática esteja expressamente definida assim. No entanto, há de se considerar que muito do que está presente em filmes extrapola o campo da educação formal, demonstrando a necessidade de mediação do professor em proporcionar um melhor desfrute e entendimento das obras fílmicas.

Para o alcance destes objetivos, a pesquisa se pautou no projeto de intervenção que busca a atualização de professores da escola, a capacitação de estudantes em técnicas de audiovisual, a melhoria da infraestrutura necessária ao ensino, particularmente ilustrada através do “*Cine Clube Escolar*”.

Vale registrar que este projeto foi possível graças ao Edital da Faperj intitulado “Melhoria da Qualidade de Ensino em Escolas Públicas”, o que propiciou recursos e oito bolsas, sendo destinadas para estudantes de graduação (2), de ensino médio (4) e para professores da escola (2).

Metodologia

A metodologia utilizada para alcançar o objetivo mais amplo do trabalho envolve diversas frentes de atuação, no entanto, privilegia a prática das oficinas pedagógicas. São oferecidas oficinas em que se trabalha, resumidamente, temas relativos à mídia e pedagogia, ética, cidadania, preconceito e discriminação. Esta estratégia se dá pela intenção de oferecer um panorama das propostas as quais o projeto se destina, tanto para professores quanto para educandos, os primeiros num sentido de capacitação e os segundos como oportunidade de introdução ao tema.

Além do acervo montado pelo projeto de intervenção pedagógica conter títulos diferenciados daqueles normalmente assistidos pela maioria dos jovens, isto não bastaria para opinarmos que os estudantes da escola têm acesso aos “bons filmes de verdade”. Se torna altamente recomendável que haja um trabalho contínuo de manutenção deste acervo em conjunto com os jovens, no sentido de promover estes títulos junto aquele público.

O potencial educativo da linguagem fílmica

Como já afirmado, é de se esperar que muitos educandos estejam fortemente habituados à estética narrativa e visual do cinema hollywoodiano, praticamente hegemônico na TV aberta brasileira e no mercado cinematográfico mundial, e, portanto, “estranhem” filmes concebidos a partir de outros parâmetros.

Por ser, particularmente, um indivíduo interessado no universo do cinema, carrego uma singela bagagem de estudos em história do cinema, biografia de diretores e atores, títulos assistidos e críticas lidas. Percebo que esta bagagem, ainda que muito modesta, pôde ajudar-me muito em perceber elementos subjetivos nos filmes e, sobretudo, poder aproveitar melhor aquela obra. No entanto, frequentemente ouço de amigos não tão sintonizados a este universo que “filme europeu é monótono”, ou “filme antigo é tosco”.

Com jovens adolescentes também não habituados a filmes desta natureza não seria diferente. Sem dúvida, por ambas narrativas terem origens e contextos diferentes dos filmes usualmente assistidos pela população, terão formatos distintos, contando sua história em outro ritmo e lançando mão de outros recursos de narrativa. Desta forma, acredito que se faz necessário refletir sobre estratégias bem elaboradas para que os jovens possam “ler” os variados produtos audiovisuais.

Apesar de muitos filmes terem enorme reconhecimento, conquistando o título de clássicos pela crítica e literatura especializada, muitas vezes estão não são muito bem interpretados por muitos espectadores, inclusive, classificados muitas vezes como ruins. Talvez resida nesta tênue linha um dos maiores desafios nos trabalhos com filmes em ambientes escolares, isto é, como promover e incentivar o gosto por “obras-primas” a princípio pouco atraentes sem “forçar” os educandos, podendo causar até uma antipatia maior?

Na tentativa de nos orientar quanto a esta questão, recorremos a Duarte (2002, pág.82), que aponta:

além de favorecer o acesso a bons filmes, é preciso também ensinar a analisá-los, sem ceder à tentação autoritária de “fazê-los ver”, como vemos, impondo a elas nosso gosto. Para isso, é necessário, em primeiro lugar, que haja políticas públicas destinadas a favorecer o acesso, em salas de projeção, a obras cinematográficas reconhecidas como de qualidade, garantindo diversidade estética, geográfica e cultural.

Com relação a estes recursos, os filmes se mostraram, como muitas outras formas de comunicação que utilizam a combinação de som e imagem, eficientes formas de comunicação, conseguindo proporcionar ao espectador o que se convencionou chamar de “impressão de realidade” (Duarte, 2002).

Assim, como já em consenso entre os pesquisadores da área de comunicação, entende-se que a comunicação que estimule vários sentidos proporciona uma assimilação mais eficaz do que pretende-se transmitir. Desta forma, a compreensão de diversos conteúdos escolares se torna mais compreensível quando, além dos tradicionais textos, explicações orais e quadro negro, se fazem uso de filmes e documentários relativos ao tema.

Embora não seja ainda o caso do Colégio Estadual André Maurois, nota-se um desafio que os profissionais da educação careçam percorrer, já que, não é raro percebermos que o uso de recursos audiovisuais é negligenciado por muitos deles. Com relação a este fenômeno acredito que poderíamos atribuir, basicamente, duas principais causas. A primeira se deveria ao fato de ainda serem esparsas as formações de professores e licenciados que trazem em sua grade curricular disciplinas específicas da utilização destes recursos. A segunda seria (talvez em decorrência da primeira) a dificuldade de muitos professores em perceber a existência de um caráter “pedagógico” em filmes destinados ao grande público.

Os produtos audiovisuais não têm sido propostos a fim de substituir os já consolidados métodos de ensino-aprendizagem, ou seja, não há a pretensão de opinar que as atuais formas de se transmitir conhecimento e aguçar determinadas habilidades estejam arcaicas e devessem ser abolidas. Apenas se faz necessário refletir sobre as diversas formas de comunicação que os jovens estão atualmente submetidos e nos perguntarmos se a escola, no formato atual de suas técnicas, consegue se mostrar atraente a este.

Talvez não se possa afirmar categoricamente que as aulas dos atuais professores estão ultrapassadas, contudo, nos meios educacionais, poderíamos dizer que é visível o desinteresse de muitos alunos sobre a temática tratada, sobretudo quando realizada em extensos monólogos pelo professor.

No entanto, muitos dos alunos assistem individualmente em suas residências às mesmas novelas, seriados e *reality shows*, ou seja, poderíamos realizar a partir deste fenômeno uma interessante reflexão: por que estes jovens assistem simultaneamente, sem nenhuma cobrança por parte da escola e da família, aos mesmos programas de tevê? O que há nestes que os cativa tanto? Embora haja críticas severas por parte de intelectuais, como professores e críticos de cinema, à muitos programas da tevê aberta, talvez seja preciso entender por que estes programas atraem tantas pessoas, e que nem sempre se tratam de jovens.

Muitas das pessoas que realizam estas críticas as fazem sustentando que diversos dos programas da tevê brasileira conseguem atingir altas pontuações de audiência por lançar mão de estratégias nem sempre consideradas éticas. Dentre estas se apontam o apelo para o sensacionalismo, o impacto visual com “imagens fortes”, o erotismo através de mulheres semi-nuas, efeitos especiais, enredos fantasiosos etc.

Não pretendendo realizar também críticas desta natureza, é preciso reconhecer que, efeito ou não destas estratégias, grande parte do público aparenta ter se “acostumado” com este tipo de formato. Filmes que tem uma fácil narrativa, desprovidos de roteiros complexos, têm, quase que necessariamente lançar mão de recursos visuais para fixarem a atenção do espectador, com planos curtos, cenas de ação como explosões, lutas e perseguições e piadas. Como muitos profissionais da área de comunicação têm uma declarada aversão a este tipo de linguagem cinematográfica, geralmente parte-se da idéia

que o propício para um amadurecimento intelectual seria o contato com filmes distintos deste gênero. Normalmente se atribui a estes os documentários, pois têm, na larga maioria das vezes uma narração hermética, linguagem didática e tema bem delimitado. Através deste contraste poderíamos pensar senão se trataria de uma contribuição ao afastamento de muitos educadores a possibilidade dos filmes como recurso didático.

Neste sentido, normalmente quando se propõe o uso de recursos audiovisuais a fim de tratar de determinado conteúdo, é recorrente a idéia inicial que estaria-se especulando sobre a exibição de um documentário. Com relação à geografia, por exemplo, acerca do tema “migrações”, dispomos de muitos documentários e reportagens que se dedicam ao tema, que são, de fato, muito elucidativas. Contudo, se analisarmos com um olhar mais abrangente, podemos perceber que, muitas vezes, o documentário ou reportagem tenta se aproximar das explicações impressas em um livro.

No entanto, há diversos filmes que tratam, através de histórias verídicas e ficcionais, de temas cujo pano de fundo é a migração. A principal diferença entre estes, e, no caso a principal potencialidade, residiria na “impressão de realidade” descrita acima, pois, quando, por exemplo, em um filme se interpreta um personagem migrante que tem sotaque, religião, relações familiares, expressa cansaço, desapontamento, felicidade etc, o impacto sobre o espectador sem dúvida é muito mais intenso que um simples texto sobre mão-de-obra itinerante ou cenas de repórteres em que trabalhadores passam de ônibus.

Esta sensação de que, de alguma maneira partilha-se de uma comunicação em mão-dupla, como uma interação, cativa o espectador e seria responsável por grande parte do sucesso do cinema. Tal recurso de sensibilização com a situação vivida pelos personagens se mostra como uma ferramenta eficaz, ainda que se baseie em uma encenação. Aliás, convém lembrar que, na história da humanidade, muitas formas de preservar memórias, cultivar a fé, convencer, distrair etc foram realizadas a partir do “contar história”, através do teatro, por exemplo. Talvez, hoje, o mundo do audiovisual ocupe de maneira privilegiada esta ancestral capacidade humana de contar histórias.

Diversas pesquisas vêm demonstrando, ainda que com grande limitação, que a larga maioria dos jovens brasileiros tem acesso a filmes. Embora haja muito a avançar, os jovens acumulam um número considerável de títulos assistidos, já conhecem a maioria dos gêneros cinematográficos e podem citar inúmeros atores de cinema. Nota-se que estas são, em sua esmagadora maioria, referências de produtos norte-americanos, o que demonstra mais uma vez a hegemonia do cinema Hollywoodiano entre o público brasileiro.

Vale considerar que, muitos jovens, sobretudo aqueles residentes em municípios do interior e, mesmo aqueles que residem em grandes centros urbanos, são de famílias de baixa renda e dispõem de um acesso muito limitado ao cinema, tendo como principal veículo de comunicação com os filmes a TV aberta. Esta por sua vez, exhibe em sua programação filmes cuja origem é, na sua maioria, estadunidense. O que haveria de peculiar nisto? Podemos entender que, além da origem dos filmes, estes se constituem, muitas vezes, como filmes de ação e aventura, gêneros explorados pelos estúdios norte-americanos em intensidade talvez incomparável aos filmes dos demais países.

Desta forma, muitas vezes os jovens estão condicionados a compreender a narrativa cinematográfica a partir destes gêneros, ou seja, esperam que os filmes tenham, necessariamente uma distinção clara entre “bem e o mal” expressa entre um herói e o vilão, demonstrem a luta por princípios éticos, aconteçam em ritmo acelerado, contenham uma

trilha sonora atraente e um “happy end”. De forma alguma se pretende construir aqui críticas ao cinema norte-americano e mais especificamente aos gêneros ação-aventura, porém percebe-se como, no senso comum, se enxeraga produtos audiovisuais distintos desta narrativa com maior dificuldade de compreensão e pouco atrativos.

Muitas vezes chegam a ser classificados como “monótonos, chatos, tristes...”. Este projeto pretende construir junto aos jovens a capacidade de melhor convivência com as diferenças. Esta valorização das diferenças vem sendo, no projeto, perpassada pela pluralidade de pontos de vista e opiniões, através da linguagem fílmica, principalmente pelo acesso a filmes variados em gênero, diretor, ano e país de origem etc, proporcionam este contato com maneiras diferenciadas de se enxergar variados temas. Portanto, conhecer a(s) narrativa(s) cinematográfica(s) proporciona um melhor aproveitamento dos filmes e do que estem pretendem transmitir ou possibilitam debater.

Conclusões

Dos resultados pretendidos no início do projeto, podemos dizer que alguns nos permitem uma observação direta enquanto outros carecem de maiores investigações para sua sustentação, tanto acerca de amplitude de tempo e profundidade. Ou seja, podemos afirmar que se encontram consolidados objetivos como a montagem de um acervo em títulos de DVD como também a construção de uma sala propícia ao trabalho com estes filmes. Para isto, vale apontar que o projeto contou com o gentil apoio do Departamento de Arquitetura da PUC-Rio, que coordenou, conjuntamente com a diretoria do Colégio Estadual André Maurois, a construção da sala de projeções do *cine-club*.

No entanto, intenções mais subjetivas, como a construção de valores ético-morais nos estudantes da instituição, são difíceis de serem afirmados após um tempo relativamente curto de projeto. Como nos lembra Duarte (2002, pág.53), acerca da influência das mídias sobre a população:

A ideia de que filmes (ou programas de tevê) podem incutir opiniões e produzir comportamentos, principalmente nos espectadores mais jovens ou menos escolarizados é corrente. Mas estudos sérios vêm mostrando o quanto é difícil constatar isso.

Contudo, podemos dizer que, tomando por base o engajamento dos professores que têm participado das oficinas, os educandos têm acolheram com empolgação as possibilidades dos filmes na “sala de projeção”. Junto a isto, podemos dizer que o comprometimento voluntário do Departamento de Arquitetura, mostrou que o projeto dá fortes sinais de que vem colhendo bons frutos e demonstrando que, diferentemente da escrita, a linguagem do cinema tem um alcance mais acessível, sobretudo na sociedade contemporânea, em que os recursos audiovisuais, e suas formas de narrativa são desenvolvidas no jovem desde muito cedo, como já abordado.

Referências

- 1 - ANDRADE, Marcelo. *A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural*, Rio de Janeiro: Quartet / Faperj, 2009.

- 2 - CANDAU, Vera Maria (org). *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- 3 - _____. *Educação intercultural e cotidiano escolar*, Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- 4 - CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006
- 5 - DUARTE, Rosália Maria. *Cinema e educação*, Belo Horizonte: Autêntica, 2002